

jornal da tarde

Publicado pela S/A O ESTADO DE SÃO PAULO
Av. Engº Caetano Álvares, 55 — Tel.: 856-2122 (PABX) — CEP 02598-900.
São Paulo — SP — Caixa Postal 8005 — CEP 01065-970 SP — E. Telegráfico ESTADO
Telex 011.23511 — Fax 265-2297



Fundado em 1875

JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA
(1927 - 1969)

Diretor Responsável

RUY MESQUITA

Diretores

Júlio de Mesquita Neto
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita
Ruy Mesquita
César Tácito Lopes Costa
José M. Homem de Montes
Oliveiros S. Ferreira

Diretor de Unidade

Ruy Mesquita Filho

Diretor de Redação

Fernão L. Mesquita

Diretor Executivo

Fernando L. Mitre

Editor Chefe

Celso Kinjô

Diretor Superintendente

Francisco Mesquita Neto

Diretor Comercial

Roberto Crissiuma Mesquita

Diretor Agência Estado

Rodrigo L. Mesquita

Só falta a moeda

Desde que tomou posse no Ministério da Fazenda, o ministro Fernando Henrique Cardoso vem insistindo na tese de que, se o governo (Estados, municípios e União) fizer os ajustes que são necessários em sua estrutura, o Brasil voltará a crescer rapidamente, como um tigre asiático e se livrará em prazo muito curto da maior e mais prolongada crise econômica de sua história. Quarta-feira no Nordeste, onde foi ver os estragos provocados pela seca, ele lembrou que o Brasil já voltou a crescer e até arriscou marcar um prazo para o País entrar nos eixos: seis meses.

Ilusão? Delírio? Sonho do ministro da Fazenda? Não, absolutamente! É o mais puro realismo, como mostram dados recentes sobre o comportamento de vários setores da economia nacional que têm sido divulgados, alguns com quase ou nenhum destaque, nos últimos dias.

O próprio Fernando Henrique, nas declarações que fez em Fortaleza, referiu-se a alguns desses sinais: "... o aumento do consumo de energia elétrica, das exportações e a posição do País como o segundo maior superávit comercial do mundo".

Mas há muitos outros sinais positivos. O Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas (Ipea), órgão diretamente subordinado ao Ministério do Planejamento, e que em toda a sua existência se caracterizou por formar uma competente massa crítica dentro do setor público, o que provocou, em determinados períodos, como no governo João Figueiredo, o seu esvaziamento, revendo as contas da economia brasileira nos dois últimos trimestres, está projetando um crescimento do PIB para este ano acima de 4%, apesar de toda a febre inflacionária que enfrentamos.

Segundo o IBGE, nos primeiros cinco meses de 1993 a produção industrial brasileira como um todo

cresceu 10,4% e a do setor de bens de consumo duráveis, puxada principalmente pela venda de automóveis e eletrodomésticos, chegou à quase inacreditável taxa de 45,5%. Esses dois números só foram superados, desde que esse tipo de estatística existe no Brasil, nos cinco primeiros meses de 1986, quando a produção industrial como um todo cresceu 12,8% e a do setor de bens de consumo duráveis aumentou 46%. Só que naquela época o Brasil vivia a euforia inicial do Plano Cruzado, os preços estavam artificialmente contidos e houve um aumento real de salários decretado pelo governo.

Tanto o surpreendente aumento das vendas de automóveis quanto o aumento das vendas de eletrodomésticos não foram frutos de nenhuma mágica, mas da correta aplicação das leis de mercado, que levou a uma queda real no preço desses produtos nos últimos meses. Os automóveis estão mais baratos, em termos reais, por causa da redução nas alíquotas dos impostos que incidem sobre o setor, que eram excessivamente altas no Brasil, e porque as montadoras e as fábricas de autopeças foram forçadas a melhorar sua produtividade para concorrer com os importados. Foi também a concorrência dos produtos estrangeiros, após as sucessivas reduções das alíquotas de importação no Brasil, que provocou a queda substancial, em termos reais, dos preços dos eletrodomésticos, a ponto de o preço de um televisor de 20 polegadas ter diminuído quase 40% em dólar — de US\$ 650 para US\$ 395 — entre 1990 e 1993.

O que isso mostra é que a economia brasileira está pronta para alçar voo.

O que falta é, apenas, uma moeda. Ou seja, o que falta é o governo, com o indispensável apoio do Congresso, pôr ordem nas suas caóticas finanças, que é o que Fernando Henrique e sua equipe estão tentando fazer.